

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA PSICANÁLISE PARA ALUNOS DE DUAS
FACULDADES DE PSICOLOGIA NA CIDADE DE MANAUS.

BOLSISTA: PAULO VICTOR TELLES DE ALMEIDA – FAPEAM.

MANAUS
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO À PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL
PIB-H/0059/2010, FAPEAM

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA PSICANÁLISE PARA ALUNOS DE DUAS
FACULDADES DE PSICOLOGIA NA CIDADE DE MANAUS.

BOLSISTA: PAULO VICTOR TELLES DE ALMEIDA – FAPEAM.
ORIENTADOR: Prof. MSc. SÉRGIO SÓCRATES BAÇAL DE OLIVEIRA

MANAUS
2011

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA PSICANÁLISE PARA ALUNOS DE DUAS
FACULDADES DE PSICOLOGIA NA CIDADE DE MANAUS.

Todos os direitos deste relatório são reservados à Universidade Federal do Amazonas – UFAM, ao Laboratório de Pesquisa e Psicologia do Desenvolvimento Humano e Educação e aos seus autores. Parte deste relatório só poderá ser reproduzida para fins acadêmicos ou científicos.

Esta pesquisa, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas, foi desenvolvida pelo Laboratório de Pesquisa e Psicologia do Desenvolvimento Humano e Educação.

RESUMO

O Projeto de Pesquisa tem por objetivo investigar as representações sociais da psicanálise para estudantes de psicologia de duas Faculdades da cidade de Manaus. Partiu-se do ponto de vista de Serge Moscovici e sua obra *A Representação Social da Psicanálise* (1978), após isso, parte-se para as obras de psicanalistas contemporâneos, como Betty B. Fuks (2007) e Maria Rita Khel (2002), além de autores como Durkheim, Marcel Mauss e Roger Chartier e autores mais atuais como Celso Pereira de Sá (1996) e Denise Jodelet (2005), entre outros. Está sendo realizada com alunos (as) que desenvolvem suas atividades dentro destas faculdades. A obtenção dos dados está sendo feita através de entrevistas semi-estruturadas e observação participante. A metodologia utilizada é qualitativa e a análise dos dados está sendo feita a partir dos pressupostos encontrados na Análise do Discurso. Diante disso, algumas categorias já foram levantadas: (1) Significados da Psicanálise; (2) Professores e Psicanálise; (3) Psicólogo e Psicanálise – onde e de que forma se aplica?; (4) Características de um Psicanalista; (5) Expectativa sobre o Estudo da Psicanálise em Manaus e na Faculdade de Psicologia; (6) Questões Sociais, Clínica e Psicanálise; e (7) Influência da Psicanálise na Psicologia. Constatou-se que para primeira categoria a Psicanálise é um método entre ciência e filosofia; para segunda, os professores têm um conhecimento superficial da Psicanálise e costumam falar apenas quando perguntados; para terceira, prevalece a visão da clínica tradicional; para quarta o psicanalista não tem uma característica específica; para quinta, as expectativas para o estudo da psicanálise são pouco positivas; para sexta, as opiniões variam entre ser fundamental para discussões sociais e não ser aplicada para questões sociais e, para sétima, a Psicologia sofre significativa influência da Psicanálise. Percebeu-se que a psicanálise acabou por se tornar mais uma “vítima” do discurso científico, bastante difundido nas mais diversas realidades. A mesma limita seu saber ao psiquismo, tornando-se nada mais do que uma forma de se pensar a Psicologia. Nota-se também a deterioração e a segregação que tanto professores quanto alunos fazem quando o assunto é psicanálise. Afinal de contas, a Psicologia faz parte do discurso científico, portanto a psicanálise deve enquadrar-se e seguir as regras desse discurso, pois é isso que os atores sociais que fazem parte desta cena esperam dela.

Palavras-chave: Representação Social, Psicanálise e Psicologia.

ABSTRACT

The research project aims to investigate the social representations of psychoanalysis to psychology students from two colleges of the city of Manaus. It started from the point of view of Serge Moscovici and his work *The Social Representation of Psychoanalysis* (1978), after that, we go to the works of contemporary psychoanalysts, as Betty B. Fuks (2007) and Maria Rita Khel (2002), and authors such as Durkheim, Marcel Mauss and Roger Chartier and most recent authors such as Celso Pereira de Sa (1996) and Denise Jodelet (2005), among others. It is being held with students that develop their activities within these colleges. Data collection is done through semi-structured interviews and participant observation. The methodology is qualitative and data analysis is being made from the assumptions found in Discourse Analysis. Therefore, some categories had already been raised: (1) Significance of Psychoanalysis, (2) Teachers and Psychoanalysis, (3) Psychology and Psychoanalysis - where and how does it apply?, (4) Characteristics of a psychoanalyst, (5) Expectation on the study of Psychoanalysis in Manaus and at the school of Psychology, (6) Social issues, and clinical psychoanalysis, and (7) Influence of Psychoanalysis in Psychology. It was found that for the first category Psychoanalysis is a method and philosophy of science, for the second, teachers have a superficial knowledge of psychoanalysis and usually only speak when asked, for the third, the prevailing view of traditional clinical, for the fourth psychoanalyst has a particular characteristic, for the fifth, the expectations for the study of psychoanalysis are slightly positive, for the sixth, opinions vary between being essential for social discussions and not be applied to social issues, and to seventh, psychology suffers significant influence of psychoanalysis. It was felt that psychoanalysis eventually become another "victim" of scientific discourse, widespread in differing contexts. The same limits their knowledge to the psyche, becoming nothing more than a way of thinking about psychology. Note also the deterioration and segregation that both teachers and students do when it comes to psychoanalysis. After all, Psychology is part of scientific discourse, then psychoanalysis must meet and follow the rules of this discourse, which is what the social actors who are part of the scene expect it.

Keywords: Social Representation, Psychoanalysis and Psychology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
REFERENCIAL TEÓRICO	10
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	13
METODOLOGIA	18
ABORDAGEM TEÓRICA METODOLÓGICA	18
TIPO DE PESQUISA	18
LOCAL DA PESQUISA	18
DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	19
DOS INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS.....	19
DA ANÁLISE DOS DADOS	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	35
APÊNDICES	

INTRODUÇÃO

Há, na atualidade, uma controvérsia explícita com relação às teorias e às técnicas psicanalíticas. Diante dos avanços das diversas abordagens ditas científicas, como a Terapia Cognitivo-Comportamental e a própria Psiquiatria, conceitos elaborados por Freud como sonhos, chistes, recalque, transferência, entre outros, são colocados em xeque.

Mesmo diante deste quadro de aparente crise, a psicanálise se mostra inserida dentro da sociedade de forma contundente. Ela surge como conquistadora do imaginário do homem, afetando profundamente sua maneira de ver o mundo e, a partir daí, abandona o âmbito das idéias para entrar em sua vida, suas condutas, nos seus pensamentos e em seus discursos – sendo estes repletos de expressões ou de vocábulos que todos compreendem. De acordo com Birman (2000) a psicanálise, portanto, nunca seria uma metáfora, mas sempre uma formação discursiva que teria materialmente uma incidência sobre o real.

Tem-se, como consequência desta vinda ao real, um certo impacto, advindo de qualquer novidade proveniente de algo desconhecido. A perturbação, portanto, se impõe – o proibido passa a ser permitido e vice-versa. E a psicanálise não fugiria deste processo. De acordo com Moscovici (1978) na medida em que os princípios da sua terapia são mais bem conhecidos, muitos indivíduos começaram a praticar uma análise selvagem sobre eles mesmos e sobre os outros. Sendo este fenômeno bastante comum em nossa cultura, a saber, a popularização de algumas partes do saber, e não a socialização da disciplina em seu todo.

A partir do exposto, a questão seguinte se expõe – por que fazer uma *representação social* da psicanálise? A resposta a esta questão surgirá quando houver o entendimento mínimo do que seja representação social. Conceito bastante complexo, cuja dificuldade foi exposta da seguinte maneira por seu criador: se a realidade das representações sociais é fácil de captar, o conceito não o é (MOSCOVICI *apud* SÁ, 1996). Basicamente, esta é uma das atividades psíquicas onde a realidade física e social é trazida à tona, tornado-se inteligível e, conseqüentemente, formando um *corpus* organizado de conhecimentos. Em vista disso, atuam

nos diversos saberes e tiram conclusões que se imponham, seja através de observações e de análises destas observações ou por meio de noções e linguagens das quais se apropriam.

A partir desta perspectiva, por conseguinte, fazer uma representação social da psicanálise nada mais é do que retirar de seu conceitos uma organização, uma união, para em seguida filtrar o que vai ser reintroduzido e reaprendido no domínio sensorial. Já da sua percepção, percorrer todos os seus caminhos e em seguida registrar o descontínuo, o não-formado.

Este projeto tem o intuito, portanto, de investigar as representações sociais da psicanálise para alunos de psicologia de duas Faculdades de Manaus, sendo: uma pública e uma privada.

Como contribuição a ciência, pretende-se, a partir desta análise, fomentar novas reflexões acerca de seus principais objetos de estudos (psicanálise e representações sociais), vindo resgatar suas histórias e instigar pensamentos para o melhor aproveitamento de suas ações e, conseqüentemente, de sua linguagem. Afinal de contas, os discursos destes objetos estão inseridos nas falas do cotidiano dos estudantes de psicologia.

Outro ponto relevante é a observação por parte do pesquisador de uma polifonia de discursos em relação aos temas e aos conceitos desenvolvidos pela psicanálise. Desenvolver esta pesquisa, portanto, desvela ao pesquisador respostas concernentes aos diversos discursos elaborados por alunos (as), ensejando outras perguntas para um desenvolvimento constante de reflexões a respeito do tema proposto.

Há, além disso, a questão dos conceitos psicanalíticos estarem inseridos nos discursos sociais, fazendo com que a representação social da psicanálise para os estudantes de psicologia torne-se uma questão a ser analisada. Afinal de contas, esses mesmos conceitos fazem parte, diversas vezes, daquilo que é trazido pelas pessoas que vêm aos psicólogos nos mais variados âmbitos – tanto na clínica, como na escola ou nos estabelecimentos empresariais.

Partiu-se do ponto de vista de Serge Moscovici e sua obra *A Representação Social da Psicanálise* (1978), onde este analisa as representações sociais da psicanálise na França. Após isso, parte-se para as obras de psicanalistas contemporâneos, como Betty B. Fuks (2007) e Maria Rita Khel (2002), em especial, para desenvolver um arcabouço teórico sobre pontos cruciais da psicanálise, enlaçando estes com a produção discursiva coletada na pesquisa. Para a

fundamentação teórica sobre Representações Sociais, tomar-se-á como foco, além de seu criador (Serge Moscovici) autores como Durkheim, Marcel Mauss e Roger Chartier e autores mais atuais como Celso Pereira de Sá (1996) e Denise Jodelet (2005), entre outros.

REFERENCIAL TEÓRICO

A teoria das Representações Sociais (RS)¹ mostra-se, atualmente, como um dos campos mais promissores da psicologia social. De acordo com Sá (1996, p.29) “(...) Foi inaugurado por Serge Moscovici, através da sua obra seminal, *La psychanalyse, son image et son public* (...) sobre a representação social da psicanálise mantida pela população parisiense em fim dos anos cinquenta (...)”. Para se pensar esta teoria, entretanto, alguns fatos históricos precisam ser levados em consideração.

Um pioneiro autor a trabalhar claramente com o conceito de RS é Durkheim, não obstante, utiliza o termo Representações Coletivas. Para este autor, as categorias não se apresentam *a priori* e não são universais no indivíduo, mas se apresentam ligadas aos fatos sociais, portanto, passíveis de interpretação e observação (MINAYO, 2004). Para Moscovici (1978), Durkheim quis apontar a exclusividade do pensamento social em relação ao pensamento coletivo, pontuando, com isso, a irredutibilidade das representações coletivas à soma das representações dos indivíduos de uma determinada sociedade. Segundo Farr (1995, p. 35) “A razão principal de se distinguir entre os dois níveis era uma crença (...) que as leis que explicavam os fenômenos coletivos eram diferentes do tipo de leis que explicavam os fenômenos em nível de indivíduo (...)”.

Partindo dessa perspectiva, Jodelet (2001) analisa que Durkheim transforma o simbolismo como o meio pelo qual a sociedade toma consciência de si mesma, cujos efeitos sobre a natureza e a qualidade dos processos de pensamento surgem nas regras e na linguagem. Marcel Mauss, abordando o mesmo tema, aponta que a sociedade se exprime simbolicamente em seus costumes e instituições através da linguagem, da arte, da ciência, da religião, assim como através das regras familiares, das relações econômicas e políticas (MINAYO, 2004).

¹ Utilizar-se-á, a partir daqui, apenas RS para se referir às representações sociais.

Há, entretanto, de se fazer algumas ressalvas, especialmente em relação às diferenças entre as construções teóricas de Durkheim e Moscovici, afinal de contas, não se pode simplesmente reduzir a psicologia social moscoviciana a uma sociologia durkheimiana. Para Durkheim toda a representação coletiva assume uma importância sociológica na medida em que possibilita a integração, a coesão e a conservação da sociedade. Moscovici (2003, p. 14) aponta que “(...) toda Sociologia (...) é orientada àquilo que faz com que as sociedades se mantenham coesas (...) às forças e estruturas que podem conservar, ou preservar, o todo contra qualquer fragmentação ou desintegração (...)”.

Moscovici (2003, p. 15), por outro lado, parte de uma perspectiva dinâmica da sociedade, ou seja, de como as coisas mudam na sociedade, e de modo enfático e intencional destaca “(...) o caráter dinâmico das RS, contra seu caráter estático de representações coletivas da formulação de Durkheim (...)”. Sua proposta de Psicologia Social é justamente voltada para os processos sociais pelos quais a mudança e a novidade, ou a conservação e a preservação, se tornam parte do social.

Outros dois pensadores que merecem destaque no desenvolvimento da RS são Max Weber e Karl Marx. O primeiro elabora suas concepções da RS através de palavras como “idéias”, “concepções” e “mentalidade”, propondo que a significação é moldada tanto pelas bases materiais como pelas idéias; em síntese, ele nos remete a eficácia das concepções para a configuração da sociedade formulando um estudo empírico do desenvolvimento histórico. De modo contrário aos pensamentos de filósofos de seu tempo, Marx negou que as idéias eram produzidas e reproduzidas pela consciência. Para este pensador, o princípio básico do pensamento seria o modo de vida dos indivíduos condicionado pelo modo de produção de sua vida material; esta é a base, portanto, da sua dialética, onde as representações são conteúdos da consciência determinada por sua base material. Outro ponto merecedor de destaque é a sua afirmação a respeito do papel da linguagem, onde esta aparece como a manifestação da consciência (MINAYO, 2004).

As idéias de Marx influenciaram um grupo de pensadores que iria marcar de forma decisiva a Psicologia Social. A partir dos encontros desses estudiosos, dentre os quais se destacam Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse e Erich Fromm, criou-se a Escola de Frankfurt, onde sua principal proposta era a de um retorno ao marxismo para as interpretações

dos fatos sociais. Esta Escola desenvolve uma teoria crítica cuja idéia principal é o abandono dos sistemas filosóficos tradicionais, entre os quais o positivismo, que, para eles, estaria morto. Além disso, retornam também a Hegel para o enriquecimento de algumas idéias marxistas – a dialética, a interpretação totalizante, entre outras. Sua influência no desenvolvimento da Psicologia Social e, portanto, da RS, é a afirmação que os estudos cognitivos passariam a ser uma alternativa para seu desenvolvimento (ALEXANDRE, 2004).

Outro pesquisador que contribuiu para o desenvolvimento de uma Psicologia propriamente social foi Wilhelm Wundt. Embora muitos autores o situem dentro de uma perspectiva puramente positivista da Psicologia, este autor contribuiu bastante para a Psicologia Social. Desenvolveu, entre 1900 e 1920, a *Volkerpsychologie*, ou seja, uma Psicologia do povo ou Psicologia das massas, uma obra em 10 volumes que trata de temas como cultura e linguagem, dentre outros, que servem de base para se pensar a sociedade (FARR, 1995).

Além do pontuado, cabe destacar em relação à reconstrução de uma Psicologia Social, sua divergência entre uma psicologia denominada européia e outra norte-americana, sendo a primeira considerada a forma sociológica da Psicologia Social e a segunda sendo sua forma psicológica. Farr (1995) anuncia Le Bon como o principal responsável pelo que considerou como a individualização da Psicologia Social; afinal de contas, foi ele quem contrastou a racionalidade do indivíduo com a irracionalidade das massas. Ao analisar as demonstrações de hipnose públicas na França e observar os trabalhos de Charcot, de Janet e de Bernheim, Le Bon pôde perceber uma forma de influência hipnótica no modo como os líderes persuadiam as massas. Com isso também conseguiu fazer uma ligação entre Psicopatologia e Psicologia Social.

Para Allport, entusiasta defensor do individualismo metodológico, não há necessidade alguma de se mudar a perspectiva quando se passa do individual ao coletivo:

(...) Não há Psicologia dos grupos que não seja essencialmente e inteiramente uma Psicologia dos indivíduos. A PSICOLOGIA SOCIAL não deve ser colocada como se contrapondo à Psicologia do indivíduo; ela é parte da Psicologia do indivíduo, cujo comportamento ela estuda, em relação àquele setor de seu ambiente composto por seus companheiros [...] (ALLPORT *apud* FARR, 1995, p. 43).

O autor considera o social, enquanto presença do outro, como vago e abstrato, e acaba influenciando diversos aspectos dessa Psicologia Social “americana”, entre os quais se pode citar individualismo, cognitivismo, experimentalismo, microteorização e a-historicismo. Sá (1996) explicita diversos autores cuja afirmação de que estas condições, efeitos da revolução cognitiva e do behaviorismo metodológico, não condizem com aquilo que a RS propõe, não sendo, portanto, aplicáveis a ela.

Contrariando a Psicologia americana, a Psicologia Social européia é influenciada por um teórico que se destaca – Piaget – especialmente as suas propostas para o desenvolvimento cognitivo, das quais Moscovici busca inspiração para refletir o mecanismo de formação das RS. Piaget, penetrando nas representações do mundo da criança, possibilitou a percepção dos mecanismos internos o mais detalhadamente possível, ou seja, possibilitou a “quebra das representações”. Consegue, a partir de seus estudos, estabelecer a particularidade das representações em termos psíquicos, ou seja, através da análise das concepções que as crianças desenvolvem a respeito de toda possibilidade de fenômenos, pode-se verificar a presença das representações distintas. Segundo Jodelet (2001), primeiramente busca as grandes formas de raciocínios que são associados às diferentes atividades do real; em seguida busca a especificidade que certifica o nexo da visão de mundo da criança.

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Optou-se pelas RS enquanto embasamento para este trabalho por considerá-la apropriada para analisar como os alunos de Psicologia de duas faculdades de Manaus apreendem e, conseqüentemente, representam a psicanálise e, a partir dessa representação, como organizam e orientam seus conceitos dentro de uma prática cotidiana.

De acordo com Salles (1991) o pensamento cotidiano aparece como a base das RS. Essa teoria, portanto, permite vislumbrar como os sujeitos assimilam sua estrutura social, onde estão inseridos seus valores, suas experiências, suas idéias, etc. Ou seja, as explicações que os indivíduos montam para sua realidade estão de acordo com o que ele apreende de sua vida

cotidiana, de seu dia-a-dia. Em vista disso, a explicação deste meio social é considerada uma teoria do senso comum, sendo estas internalizadas, organizando com isso a realidade.

Não se deve, entretanto, partir de análises simplistas do conceito das RS, afinal de contas, como Moscovici (1978, p. 41) percebe “(...) se a realidade das representações sociais é fácil de apreender, não o é o conceito (...)”. Elas aparecem nas falas, nos gestos e nos encontros, ou seja, no universo cotidiano; circulando e cruzando-se entre si. É tanto o simbólico da RS quanto a prática que produz sua substância.

As RS estão presentes tanto no espaço público quanto nos processos onde o sujeito desenvolve sua identidade, promove símbolos, além de possibilitar um mundo de Outros. Segundo Jovchelovitch (1995), a RS articula-se tanto com a vida coletiva quanto com os processos de constituição simbólica, nos quais os indivíduos tentam dar sentido ao mundo através de uma identidade social.

Jodelet (1986) designa as RS como uma forma de pensamento cujo significado é compreendido de diversas maneiras. Para a autora, cinco características são essenciais para se fundamentar as RS: representa sempre um objeto; possui capacidade de criação; é autônoma e criativa; remete a um significante e possui uma característica de imagem que pode interferir no conceito e na percepção em questão.

Para Moscovici (2003) as RS possuem precisamente duas funções. Primeiramente, elas *convencionalizam* os objetos, os acontecimentos e as pessoas, ou seja, são elas que lhes dão uma forma definitiva, as circunscrevem em determinada categoria e as colocam como um determinado modelo, distinto e partilhado por um determinado grupo de pessoas. Em segundo lugar, as representações são *prescritivas*, isto é, elas impõem sobre as pessoas uma força irresistível, sendo uma combinação de uma estrutura que aparece antes mesmo de o indivíduo começar a pensar, portanto, vindo de uma tradição que dita o que deve ser pensado.

Mais tarde, outras duas funções vieram somar-se a estas a respeito das RS: a função justificadora e a função identitária. A primeira proporciona aos atores sociais manterem comportamento que irão diferenciá-los socialmente ao se relacionarem no grupo. Já a segunda garante a especificidade e a imagem positiva do grupo (ABRIC *apud* NÓBREGA, 1990).

Para Herzlich (2005) esclarece que as RS não são simples reflexos da realidade, e sim sua construção, permitindo compreender como alguns problemas sobressaem em determinado grupo e esclarecer determinados aspectos de sua apropriação por alguma sociedade.

Neste ponto, um conceito precisa ser analisado – o de *representação*. Primeiramente, Jodelet (2001) coloca o símbolo como representante de outra coisa diferente de si mesmo que é compartilhada coletivamente, independente do objeto. Representar, portanto, é tornar inteligíveis as realidades físicas e sociais inseridas num grupo ou em qualquer relação cotidiana de trocas cujo símbolo aparece como mediador.

De acordo com Spink (1989), as representações são produtos de determinações tanto históricos quanto atual e construções de conhecimentos que situam o indivíduo no mundo, definindo sua identidade social, ou seja, o seu jeito de ser particular, produto do seu ser social. Portanto, percebe-se que as representações são essencialmente dinâmicas. Segundo Moscovici (1978, p. 27),

(...) Representar não consiste somente em selecionar, completar um ser objetivamente determinado com o suplemento de alma subjetiva. É, de fato, ir mais além, edificar uma doutrina que facilite a tarefa de decifrar, predizer ou antecipar os seus atos.

Nesse sentido, Jodelet (2001) conceitua uma perspectiva de representação mental onde esta apresenta determinado objeto, tomando o seu lugar e tornando-o presente quando o mesmo está ausente.

Dentro das RS, Moscovici (2003) pontua, em se tratando de conhecimento na sociedade, dois universos – o *reificado* e o *consensual*. No primeiro, imperam-se as classes e os papéis, onde apenas os especialistas, ou seja, os que apresentam competência em determinado assunto, podem opinar e expressar suas opiniões sobre o mesmo; neste universo percebem-se diferentes linguagens para diferentes circunstâncias. Já no universo consensual, o que age é o imperativo da não-individualidade, da não-identidade; é formado por um conjunto de indivíduos livres cuja fala e opinião dizem respeito ao grupo do qual fazem parte. Moscovici os chamam de “sábios amadores”, pois são nos ambientes informais que os fatos são comunicados e o grupo consolida-se. Na tabela 1, Arruda (2002), resume a diferença entre esses universos:

Tabela 1: Universo Consensual e Universo Reificado (adaptado de Arruda. 2002)

Universo Consensual	Universo Reificado
Nós	Eles
Igualdade	Desigualdade
Representações Sociais	Ciência

Moscovici (2003) pontua que representar tem por finalidade transformar o não-familiar em algo familiar. O não-familiar aparece tanto atraindo e intrigando, quanto alarmando as pessoas, daí sua necessidade tornar explícitos os pressupostos implícitos básicos ao consenso. Portanto, ao se estudar as RS deve-se tentar descobrir o critério não-familiar que a motivou, sendo importante a observação no desenvolvimento deste critério no momento exato de sua emergência na esfera social.

Para Guareshi (1995) o não-familiar é constituído no universo reificado sendo necessário deslocá-lo para o universo consensual. Isto é feito principalmente através da comunicação em massa, pelos propagandistas, pelas revistas científicas e pelos professores.

As RS são formadas por meio de dois processos: a objetivação e a ancoragem, ambos, postulados por Moscovici em 1961. Para esses dois processos tornarem-se efetivos, deve-se basear em observações e testemunhos acumulados ao longo do tempo e em relação a um acontecimento (MOSCOVICI, 1978).

A objetivação consiste na materialização das imagens, tornando perceptível suas idéias e seus conceitos abstratos. De acordo com Moscovici (1978, pp.110-111) “(...) A objetivação (...) faz com que se torne real um esquema conceptual de uma imagem uma contrapartida material, resultado que tem, em primeiro lugar, flexibilidade cognitiva (...)”. A objetivação, portanto, além de ser um dos processos formadores das RS, consiste também em uma operação imaginante e

estruturante, pela qual se dá uma forma ao conhecimento do objeto, materializando o conceito abstrato, concretizando-o em palavra.

Segundo Jodelet (2001), o processo de objetivação pode ser decomposto em três fases – construção seletiva, esquematização estruturante e naturalização, sendo que as duas primeiras, sobretudo, manifestam o efeito da comunicação e das pressões, ligadas a pertença social dos sujeitos, sobre a organização e a escolha dos elementos constitutivos da representação.

Já a ancoragem, como o próprio nome indica, é o enraizamento da representação e de seu objeto. Jodelet (1986) explicita que ancoragem é a forma daquilo que circula no cotidiano da vida dos indivíduos. Portanto, é a incorporação cognitiva do objeto representado, integração esta de pessoas, de idéias, de acontecimentos, de relações e de pensamentos sociais preexistentes, além das mudanças que dele decorrem.

Moscovici (2003, p. 61) conceitua ancoragem como “(...) um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias e o compara com o paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada (...)”. A ancoragem surge, portanto, no momento em que determinado objeto ou idéia é comparado ao paradigma de uma categoria, adquirindo características da mesma e sendo reajustado para que se enquadre nela.

De acordo com Lefevre (2010, p.79) a ancoragem “(...) é a expressão de uma dada teoria ou ideologia que o autor do discurso professa e que está embutida no seu discurso como se fosse uma afirmação qualquer (...)”. Uma de suas regras, por conseguinte, é que o enunciador do discurso use uma afirmação genérica para enquadrar uma situação particular.

Percebe-se, desta forma, que a objetivação e a ancoragem surgem, quando interligados, como corolários de uma representação, sendo, portanto, um sistema de orientação de condutas e idéias e interpretação da realidade.

METODOLOGIA

ABORDAGEM TEÓRICA METODOLÓGICA

Trabalhou-se a teoria psicanalítica na leitura dos dados coletados na pesquisa. Serge Leclair considera a psicanálise (1992, p. 17) “[...] como uma arte do desvencilhamento apaixonado de tudo que mantém o sujeito preso no conformismo de uma sujeição.” Partindo da perspectiva deste autor, ela (a psicanálise) surge como algo subversivo, revolucionário, tendo como consequência uma libertação passional e o surgimento de um novo tipo de sujeito – o sujeito do inconsciente. Neste contexto, trazer a tona seus principais conceitos e como eles são representados por seus principais interlocutores (no caso alunos de psicologia), cria-se a possibilidade de descortinamento de uma série de equívocos acerca de tudo o que permeia aquilo que se concebe como psicanálise.

TIPO DE PESQUISA

Este projeto organizou-se nas bases de uma pesquisa qualitativa, cujo processo ocorre em um espaço mais profundo de suas relações, não podendo ser reduzidos à operacionalização de variáveis, objetando fenômenos relacionados aos significados, aos valores, às crenças, etc. (MINAYO, 2002). Segundo González Rey (2002), como consequência disso, têm-se, dentro da pesquisa qualitativa, uma percepção voltada para a produção de idéias, ao desenvolvimento da teoria e sua distinta produção de pensamento.

LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em duas Faculdades de Psicologia, uma pública e outra particular. A escolha das mesmas se deu de forma a respeitar a livre adesão à pesquisa, de acordo com o apoio institucional das Faculdades visitadas.

DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Foi pesquisado um número total de sete (07) sujeitos. Dos sete sujeitos da pesquisa, todos eram de uma faculdade pública, sendo estes maiores de 18 (dezoito) anos. Optou-se por estes sujeitos em função de que os alunos do curso de psicologia estejam em contato permanente com conceitos e técnicas psicanalíticas, além de discutir temas como subjetividade, sujeito, clínica, “Outro”, que estão inseridos dentro do arcabouço conceitual desenvolvido pela psicanálise. A partir desta perspectiva, utilizar-se-á o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para alunos (as).

DOS INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

Com relação aos instrumentos e procedimentos, foram utilizados: entrevistas semi-estruturadas e observação participante. Suas escolhas devem-se à natureza dos objetos escolhidos para pesquisa pois, embora diferentes, esses dispositivos mostram-se complementares focalizam a proposta do projeto.

Concomitantemente as entrevistas semi-estruturadas fez-se a observação participante, deste modo, os objetivos de identificar os discursos alunos (as) a respeito do assunto abordado pelo projeto, qual seja: *a representação social da psicanálise* se mostrou complementar. As entrevistas estão sendo transcritas para em seguida ocorrer uma leitura integral de cada uma. Após isso, ocorrerá uma tabulação de termos recorrentes para facilitar o manejo dos dados, sua interpretação e a realização de inferências. Inicialmente, pensou-se em 20 (vinte) alunos (as) para as entrevistas, sendo 10 (dez) da faculdade pública e 10 (dez) da faculdade particular. No decorrer do processo, entretanto, o número de alunos (as) entrevistados (as) foi de 07 (sete), todos da faculdade pública. O fator determinante para esta diminuição foram as faltas por parte dos alunos, que muitas vezes não podiam comparecer, o desertavam por outro motivo qualquer. Mesmo com o número reduzido de alunos, foi possível coonstruir categorias analíticas, não comprometendo os objetivos da pesquisa. Neste sentido, se optou por utilizar estes instrumentos com os alunos (as), pois se percebeu dificuldades em conseguir reunir um número expressivo dos

mesmos para a realização e/ou inserção de outro instrumento, isso ocorre porque há incompatibilidades de horários e/ou carga de compromissos elevadas, impossibilitando suas presenças nos devidos encontros.

No que toca ao procedimento de observação participante, o observador assistiu as discussões desenvolvidas por alunos (as) dentro de suas respectivas faculdades, tanto dentro da sala de aula como em outros ambientes (corredores, biblioteca, sala dos professores, dentre outros), a respeito da temática proposta pelo projeto, sendo suas observações guiadas por um *roteiro de observação*. A escolha deste instrumento deve-se à sua importância dentro das pesquisas qualitativas, sendo tomada muitas vezes como um método em si, e não apenas como uma estratégia no conjunto da investigação, para a compreensão da realidade (MINAYO, 2004).

DA ANÁLISE DOS DADOS

Refletindo sobre o que já está exposto, entende-se que o método mais apropriado para a análise dos dados é a Análise do Discurso (AD), pois, segundo Orlandi (2009, p. 16) “[...] os estudos discursivos visam pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem, descentrando a noção de sujeito e relativizando a autonomia do objeto da Linguística.”. Percebe-se, por conseguinte, que a AD se propõe a buscar as diversas significações nos mais variados campos de forma a conceber formas de produção social do sentido (Minayo, 2004).

Fica claro, portanto, que a análise dos dados coletados nas entrevistas individuais semi-estruturada e na observação participante a partir da teoria da AD torna-se viável na medida em que, tende a desvelar aquilo que não é exposto tanto no plano do que é verbalizado como no plano daquilo que é visível. Analisando a referência, percebe-se, por fim, que a AD configura-se aos propósitos da pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apresentam-se neste capítulo os resultados construídos ao longo da pesquisa, que se mostram pela *observação participante* e por sete *entrevistas individuais* com alunos de duas faculdades de psicologia. Estes conteúdos possibilitaram a *integração dos dados da pesquisa* e a *discussão*. Deste modo, o escrito a seguir aponta aos mais diversos discursos que se encontram nas faculdades de psicologia estudadas.

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

No primeiro encontro, apresentou-se a proposta da pesquisa para os diretores das duas faculdades de psicologia. Com a autorização formal dos diretores das faculdades e o parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), adentrou-se nestas instituições. No campo de pesquisa, os olhares, tanto dos professores quanto dos alunos, demonstravam estranhamento devido à presença do pesquisador; não obstante, com o passar do tempo, o ambiente se mostrou acolhedor com a compreensão de seus objetivos nas faculdades e tendo, por conseqüência, o estabelecimento de relações respeitadas.

A realização da OP nas faculdades expôs situações inusitadas em relação à temática psicanálise. Um exemplo desta circunstância foi a negação de um grande contingente de alunos em participar das entrevistas semi-estruturas. Com relação a esta situação, foram presenciados, no campo de pesquisa, justificativas que enquadravam a psicanálise em um estudo à parte no campo das psicologias; deste modo, pode-se ouvir falas do tipo: *os alunos que gostam de psicanálise não estão aqui na sala*. Percebe-se, com isso, a distinção atribuída entre esses dois campos de estudos, que “[...] enquanto a psicanálise se interessa por um sujeito cindindo pelo recalçamento e, por isso mesmo incapaz de se reconhecer como possuidor de si, a psicologia [...] se propõe a agir sobre as manifestações comportamentais da personalidade do indivíduo [...]” (CAMARGO, 2006, p. 32), ou seja, o objeto de estudo da psicanálise surge como diferente ao da psicologia.

Outra situação foi o desinteresse por parte dos alunos de ambas as faculdades de psicologia em participarem do Grupo Focal. Nos dois casos, foi feito um convite por parte do pesquisador aos alunos. Em relação à primeira faculdade, percebeu-se certa relutância por parte dos alunos das turmas de 2009 e 2010 para fazer parte do procedimento de pesquisa. A grande maioria se apropriou do discurso de que não possuía horário livre para participar do grupo. Apenas um aluno disse que não poderia vir por que não tinha vontade de chegar cedo. Já os alunos do último período não demonstraram grande relutância. Já na outra faculdade o pesquisador ligou para os alunos para estipular um horário para a realização do Grupo Focal. Dentre os alunos que se propuseram a participar do procedimento, no total quatorze, o pesquisador conseguiu a confirmação de nove alunos.

No dia da aplicação do Grupo Focal marcou-se, em uma das faculdades, às 16h00min horas na sala de supervisão do CSPA (Centro de Serviços de Psicologia Aplicada). Nesta reunião, marcada com alunos da turma de 2009 e 2010, de todos os estudantes que confirmaram sua presença, apenas três compareceram, sendo duas alunas da turma de 2010 e uma da turma de 2009, impossibilitando, dessa forma, o acontecimento do grupo focal. Com a segunda faculdade também não foi diferente, foi combinado a reunião com os alunos às 17h30min, em uma sala de aula da própria faculdade. O primeiro passo dado pelo pesquisador e seus auxiliares foi arrumar a sala. Após isso, começou-se a entrar em contato com os alunos que haviam aceitado a participar da pesquisa, para confirmar suas presenças, afinal de contas, ficou combinado que o grupo focal aconteceria às 17h30min e naquele momento o relógio marcava 17h40min. Conseguiu-se falar com os alunos, mas apenas dois marcaram presença, tornando impossível também a realização do Grupo Focal na segunda faculdade.

O fato discorrido acima pontua uma ocorrência relevante: a posição que a psicanálise ocupa dentro do patamar científico adotado pela psicologia. Isto se deve notadamente pelo rigor científico adotado nos discursos dos professores, onde cada vez mais a psicologia precisa ser assumida enquanto tal. A representação sobre a psicanálise acaba ancorando, portanto, num paradigma místico, como algo impossibilitado de se adaptar aos moldes de uma cientificidade, na qual a objetivação aparece nas falas e nas ausências, onde nota-se o desinteresse por parte dos alunos diante deste “impasse”. Deste modo, como nas faculdades os discursos predominantes são

em sua maioria os científicos, tomar como ponto de partida um saber psicanalítico é entrar em um campo oculto aos dogmas da ciência. Até porque a psicanálise tem apontado cada vez mais para uma postura, um ato ético, a partir das evidências do desejo. O que a psicanálise almeja, portanto, é “[...] criar um estilo próprio, construir um destino, com a parcela de estetização da vida a que todos temos direito [...]” (KEHL, 2002, p. 169).

Nesta perspectiva, pode-se fazer uma distinção epistemológica, justamente sobre a qual seus objetos encontram-se alicerçados, discorrendo sobre a posição de ambas em relação à ciência. Segundo Filho (1996), a psicologia buscaria nos ideais de objetividade científica os instrumentos necessários para o conhecimento daí advindo ser considerado verdadeiro e, dessa busca, decorreu-se o ideal de adaptação. Na contramão deste modelo científico embasado na observação dos fatos de conduta, a psicanálise operaria com interpretações e com sentidos, indo em direção à linguagem. Fuks (2007, p. 22) vai além, indicando que a psicanálise “[...] criou um modelo de cientificidade absolutamente original, voltado à escuta do incoerente, do não-idêntico, e à inquietante estranheza que habita no homem, para além de sua memória.”. A psicanálise, portanto, não se excluiria dos pressupostos científicos, mas sim permitiria novas possibilidades para estes.

Outra fala percebida na OP surge para corroborar este ponto de vista dos alunos: *uma professora psicóloga havia dito que a psicanálise não era ciência, era ultrapassada e retrógrada*. Este discurso, proferido por uma aluna em uma conversa informal com o pesquisador, quando este havia marcado um grupo focal com nove alunos no dia anterior, havendo, entretanto, o comparecimento de apenas dois alunos, mostra como determinado saber é distribuído, valorizado e, de certo modo, atribuído nas faculdades de psicologia estudadas. Segundo Foucault (2009, p.17) “[...] essa vontade de verdade [...] apóia-se sobre um suporte institucional: é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas [...]”. Nota-se, portanto, que esta vontade de verdade, cujos alicerces apóiam-se no discurso científico, acaba por exercer uma espécie de pressão, moldando a representação que se tem a respeito da psicanálise.

Birman (2000) segue este raciocínio foucaultiano ao afirmar o relativismo dos enunciados da psicanálise, pois é em função de sua inserção nos dispositivos e nos espaços

sociais que suas materialidades serão definidas. Assim, acaba-se por se impossibilitar a noção completa de psicanálise, pois sua teoria está enlaçada a um contexto e a um dispositivo específico, sempre coexistindo ao lado de outros simultaneamente no espaço social.

A contribuição da OP neste trabalho foi justamente possibilitar reflexões acerca da psicanálise e sua representação nos discursos das faculdades de psicologia, além de fazer com o pesquisador observe a informação no exato momento em que ela ocorre, proporcionando-lhe uma visão mais ampla da realidade pesquisada. Embora a OP apresente diversas vantagens para o desenvolvimento desta pesquisa, deve-se tomar cuidado com esta imersão do pesquisador em outra realidade, pois isto pode acarretar uma distorção subjetiva desta outra realidade estudada. Para isso, buscou-se outro instrumento de coleta de dados, não menos primordial, para auxiliar na análise, melhorando qualitativamente os resultados e diminuindo os riscos do pesquisador incorrer em distorções – as entrevistas semi-estruturadas.

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Neste tópico, apresentar-se-á alguns resultados, mostrando-os por meio de categorias construídas a partir do momento da análise, que são: (1) Significados da Psicanálise; (2) Professores e Psicanálise; (3) Psicólogo e Psicanálise – onde e de que forma se aplica?; (4) Características de um Psicanalista; (5) Expectativa sobre o Estudo da Psicanálise em Manaus e na Faculdade de Psicologia; (6) Questões Sociais, Clínica e Psicanálise; e (7) Influência da Psicanálise na Psicologia.

1.1. SIGNIFICADOS DA PSICANÁLISE PARA ESTUDANTES

Como forma de entender as elaborações do significado da psicanálise, criou-se a categoria *entendimentos da psicanálise*, pois se nota que é uma forma de compreender este novo/desconhecido, permitindo que se torne familiar, idéia que é fundamental na Teoria das Representações Sociais.

Dentro desta categoria, destacam-se três aspectos desenvolvidos pelos sujeitos da pesquisa. No primeiro, a psicanálise parte da prerrogativa de que o sujeito é uma entidade em construção. Para o primeiro aspecto, tem-se a seguinte verbalização de participante: "*(...) na psicanálise (...) cada sujeito é uma construção (...) Vai ser um jeito que tu vais tratar, vai cuidar dessa pessoa (...)*".

No segundo, a psicanálise é o melhor método para o entendimento do psiquismo. Para exemplificar o segundo aspecto, tem-se a seguinte verbalização de participante: "*(...) é o que melhor dá conta (...) de tudo que a gente entende como psiquismo*".

Por fim, como terceiro aspecto, a psicanálise é uma área que abarca tanto a filosofia quanto a ciência: "*(...) A meu ver a psicanálise é uma área mista, no sentido que ela vai levar tanto a questão da filosofia (...) e um pouco de ciência, uma coisa mais empírica (...)*".

1.2. PROFESSORES E PSICANÁLISE

Pelo fato de a psicanálise ter adentrado os espaços acadêmicos, mesmo não sendo considerada ciência, nota-se sua presença no imaginário dos alunos e professores da faculdade de psicologia, inclusive fazendo parte da estrutura curricular e, conseqüentemente, sendo conteúdo de algumas disciplinas e estas são ministradas por professores, torna-se, portanto, interessante falar da relação professores e psicanálise. Em função disso criou-se a categoria *professores e psicanálise*.

Há dois pontos de vistas destacados, sendo um relacionado às experiências vividas em sala de aula, e outro relacionado a uma suposição, uma hipótese. No primeiro ponto de vista, o professor ou tem o conhecimento, embora não possua a iniciativa para falar espontaneamente, apenas quando indagado, ou possui um conhecimento superficial. Para exemplificar este ponto de vista tem-se a seguinte verbalização:

"(...) algum aluno pergunta... Eles sabem, entendeu? Mas eles num... Sabe... Num explicam muito sobre (...) Alguém pergunta, eles sabem explicar, mas não é muito falado não." O conhecimento é "(...) bastante superficial (...) são muito poucos professores que tem esse conhecimento (...)"

Já no segundo ponto de vista, o professor é tido como um tutor, que precisa indicar o caminho, direcionando-o para o saber psicanalítico, adotando, portanto, uma relação mestre-discípulo, onde o discípulo se tornará tão sábio quanto o mestre. Dentro do segundo ponto de vista, pode-se destacar a idéia de "experiência" trazida por um aluno, na qual o psicanalista está sempre refletindo sobre sua postura em relação ao outro, para sempre rever sua posição ética:

"(...) ter os mesmos pré-requisitos que ele quer que o aluno tenha (...) ele tem que ser capaz de voltar (...) todo esse arcabouço teórico para ele mesmo (...) tem de ser uma pessoa que seja mais do que um mero repetidor, ele tem de ter aquela vivência da psicanálise (...) aquela experiência para poder falar, senão não têm autoridade (...)"

1.3. PSICÓLOGO E PSICANÁLISE

Partindo do ponto de vista da categoria anterior, a saber, professores e psicanálise, a qual se nota a psicanálise sendo ensinada nas faculdades de Psicologia. Além de estar no imaginário dos professores e dos alunos, a psicanálise também está presente no imaginário dos próprios psicólogos, pois estes passam por uma faculdade de Psicologia antes de receberem o grau de psicólogo para exercerem a profissão. Como este projeto propõe-se a ter como sujeitos alunos, pode-se notar a validade de discorrer sobre o conhecimento dos alunos sobre a relação do psicólogo com a psicanálise. Deste modo, formou-se a categoria *psicólogo e psicanálise*.

Há dois pontos de vistas levantados nessa categoria, sendo o primeiro pontuando que a psicanálise pode ser utilizada apenas na clínica: "*Aplicada? (...) Nos consultórios (...)*". Já o segundo ponto de vista dá ênfase à questão da psicanálise para o desenvolvimento do psicólogo enquanto sujeito, onde este irá conhecer melhor a si próprio: "*(...) Acredito que na questão dele conhecer, o psicólogo ajudá-lo a conhecer coisas que ele mesmo já não tinha (...)* *Conhecimento dele mesmo, conhecimento que ele não tinha conhecimento (...)*".

1.4. CARACTERÍSTICAS DE UM PSICANALISTA

Devido ao fato de no senso comum as pessoas criarem estereótipos de algumas profissões, como por exemplo, o médico ao jaleco branco, o gari a uma pessoa suja, o engenheiro a uso de capacete, o psicólogo a uma pessoa calma, resolveu-se desenvolver a categoria

características de um psicanalista, para se buscar como os participantes veem um psicanalista. Nesta categoria notou-se o levantamento do aspecto de que cada pessoa é uma pessoa; não havendo, portanto, uma característica específica para o psicanalista, segundo uma participante: *eu acho que cada um é cada pessoa independente de ser psicólogo, psicanalista*.

Além deste ponto destacado, foram identificados nas falas dos participantes características definidoras de um psicanalista: *ele precisa ter a capacidade de conter aquilo que o sujeito traz, de compreendê-lo; precisa ter uma formação muito abrangente: cultura, história, artes, mito, então a formação acadêmica ela é mais complexa do que é possível dentro da academia; ter "barba branca"*.

1.5. POSSIBILIDADES DE ESTUDAR PSICANÁLISE EM MANAUS

Em Manaus existem instrumentos de divulgação da psicanálise, como palestras, eventos e projetos desenvolvidos em faculdades; e estas acabam gerando expectativas nos alunos/estudantes de psicologia, pois se torna uma possibilidade para o estudo da psicanálise. Portanto, torna-se importante desenvolver a categoria: *possibilidades de estudar psicanálise em Manaus*. Nesta categoria nota-se como primeiro aspecto a percepção de que a psicanálise é pouco desenvolvida nas faculdades de Psicologia da cidade de Manaus: *"(...) eu acho que é pouco, eu não ouço as pessoas falarem, nem conheço muitos psicanalistas"*. Além deste, outra verbalização corrobora com este aspecto:

"(...) é o pior possível (...) são leigos ensinando leigos, né, e aqueles que podem chegar até... Que chegam, que a gente constata que tem até um conhecimento técnico elevado, mas não vivenciam, ou seja, é uma pessoa que não exemplifica o conhecimento da psicanálise (...)".

Outra apreensão da realidade é que a psicanálise é área emergente nas faculdades de Psicologia da cidade de Manaus:

" (...) Seria uma coisa emergente aqui. Parece que as pessoas não estão mais (...) Aquela coisa ligada à questão do contato só com a comportamental (...) com o passar dos dias as pessoas estão se preocupando com questões mais individuais, mais consciente e inconsciente dela (...) Na faculdade também (...) É uma área que está emergindo muito (...)".

1.6. QUESTÕES SOCIAIS, CLÍNICA E PSICANÁLISE

Percebe-se, atualmente, uma literatura muito vasta de psicanalistas discutindo diversas questões, inclusive sociais, como guerras, miséria, exclusão, etc. E em muitos lugares onde se estuda psicanálise ainda se têm a percepção de que ela se limita a clínica, por isso resolveu-se criar uma categoria que questionasse os alunos em relação a este dinamismo do saber psicanalítico chamada *questões sociais, clínica e psicanálise*.

Nesta categoria nota-se como primeiro ponto de vista a psicanálise como sendo fundamental para as discussões de assuntos sociais:

"(...) a psicanálise traz um balanço nas discussões que são muito hoje em dia voltadas para o plano social, planos sociais (...) Estratégias sociais, o que fazer, o que dá pras pessoas (...) existe um esquecimento desse indivíduo enquanto sujeito atuante (...)"

Já o segundo aspecto apreende que a psicanálise deveria discorrer sobre esta tópica social, embora os profissionais não o façam, limitando-se a uma perspectiva clínica:

"(...) eu discordo de muitos psicanalistas que só se dedicam a parte individual do ser e esquecem que ele também têm uma parte social. Eu acho que realmente a psicanálise deveria, mas, enfim, discutir mais teorias a respeito do social, que é uma parte muito importante para o ser humano, é parte dele como um todo."

1.7. A INFLUÊNCIA DA PSICANÁLISE NA CLÍNICA

Como a pesquisa propõe-se a utilizar como sujeitos alunos do curso de psicologia, que possuem em suas estruturas curriculares matérias relacionadas à psicanálise, e que, por conseguinte, esta pode ser a abordagem utilizada na prática da profissão, criou-se a categoria: *a influência da psicanálise na psicologia*.

Dentro desta categoria, o primeiro aspecto dos participantes da pesquisa foi que a psicanálise foi importante para o desenvolvimento da psicologia: *"Foi importante para esse conhecimento, né? Pelo menos tentar conhecer o indivíduo do inconsciente, para os estudos."*

Já no segundo ponto de vista, a psicologia aparece como uma ciência advinda da psicanálise:

"(...) eu acho que a psicologia mesmo, é a que a psicanálise veio trazer (...) As outras [teorias psicológicas], elas procuram dar uma explicação do psiquismo, mas a gente vê que seriam facilmente comportáveis dentro do conhecimento psicanalítico."

Por fim, como terceiro aspecto levantado pelos alunos, toda técnica na área clínica e as questões do desenvolvimento advém da psicanálise: *"(...) Toda a técnica que temos hoje na área clínica é devido aos experimentos de Freud, Lacan, e mesmo o desenvolvimento, a questão da teoria de desenvolvimento é voltada toda na psicanálise (...)".*

TEORIZANDO AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA PSICANÁLISE

A psicanálise, nas faculdades de Psicologia estudadas, é determinante em um contexto ampliado, no qual os discursos advindos daí estão imbuídos de representações acerca do objeto investigado, que serão transformados em práticas que, na maioria das vezes, norteiam os hábitos dos futuros profissionais na área da Psicologia.

Primeiramente, um ponto a ser discutido é a questão dos entrevistados estarem inseridos em um universo reificado, ou seja, nas faculdades de Psicologia. O que se percebeu, neste aspecto, é que a nomenclatura dita "psicanalítica" faz parte do grupo pesquisado. Constatou-se, entretanto, que essa representação não se apresentou a todos os alunos, pois muitos conceitos trazidos em seus discursos não condizem com o que realmente eles representam, dentro do universo reificado. Comprova-se, com isso, que mesmo com a entrada de termos na academia, eles acabam não alcançando todos os estudantes, afinal, alguns associam os mesmo com conceitos do senso comum.

De acordo com a teoria moscoviciano, este saber, cujo alicerce é o universo reificado, apresenta-se dominado pelo senso-comum, ressignificado e mostrando-se com características de um conhecimento conceitual. Moscovici (1978) explica este fenômeno como a primeira forma para transformar o não-familiar em algo familiar, afinal, isto faz parte da condição humana. Isso acontece quando o sujeito depara-se com conceitos desconhecidos, inserindo o conhecimento em seu arcabouço cultural e dando a ele um significado pessoal. A partir daí, a dialética se faz transparecer, pois, ao dar um novo sentido ao conceito, o sujeito contribui para como o mesmo será entendido pelo senso comum.

Na primeira categoria, os entrevistados apropriam-se do conceito da psicanálise utilizando características, algumas vezes paradoxais, para tentar nomeá-la. O grupo ainda tenta inseri-la em alguma forma de pensamento para tentar abarcá-la enquanto realidade. Ao tentar fazer isso, a psicanálise enquadra-se como algo científico e/ou filosófico, lidando com um sujeito em construção mas que, contraditoriamente, melhor dá conta do psiquismo. Percebe-se, portanto, uma tentativa de “moldar” este conhecimento a partir das bases acadêmicas, a qual esta imbuído dessas duas prerrogativas de se perceber a realidade.

O mesmo discurso pode ser visto em outras categorias, como na quarta, cujo psicanalista é representado como alguém que precisa possuir tudo aquilo trazido pelo outro, para ser capaz de compreendê-lo, além de possuir um conhecimento técnico em diversos campos do saber. Outra característica associada é a de ter barba branca, mostrando a facilidade de se comparar aparência física com aspectos que não necessariamente são determinados por esses fatores, criando-se esteriótipos sobre as diversas profissões.

Corroborando com tudo isso, a sétima categoria mostra a preponderância de termos utilizados em discursos científicos, como “conhecer”, “explicar” e “técnica”. Aqui a psicanálise é vista como a base de todo o conhecimento que alicerça a Psicologia, atingindo tanto as teorias psicológicas quanto a clínica.

Nesta perspectiva, a visão hermética da psicanálise advém da tradição científica moderna, mais especificamente da medicina, a qual destituiu o sujeito de qualquer saber, reservando-o apenas a figura do médico. Segundo Birman (2000), Foucault discorreu sobre este saber em relação à psicanálise cuja associação à medicina moderna na “desposseção” do paciente de

qualquer saber sobre si encontrava-se novamente em pauta naquilo que nomeou de tratamento moral, ou seja, é o médico que tudo sabe sobre seus pacientes. É aqui que a acoragem pode ser percebida, ou seja, sua incorporação cognitiva, as quais participam pessoas, idéias, acontecimentos e relações e de pensamentos sociais preexistentes, além de suas mudanças decorrentes.

O diferencial está, então, na relativização deste saber que permite o vislumbre, não da verdade original, mas da construção dessa verdade e suas relações inevitáveis com o conflito que habita qualquer subjetividade. Segundo Meyer (1993), é possível pensar um método para psicanálise, o qual visa captar a essência do intolerável e integrá-lo na intolerabilidade mesma de sua condição, e não transformar o mesmo em tolerável.

Kehl (2002) opõe-se a essa questão afirmando que a psicanálise contraria este saber instituído pela ciência. Primeiramente, propõe um sujeito contemporâneo que pensa a cura do sofrimento como eliminação de toda angústia de viver, onde as terapias medicamentosas e as técnicas de auto-ajuda partem de pressupostos cujo eu soberano reina ajustado às aspirações dos membros da cultura do individualismo e do narcisismo. Segundo a autora, se a psicanálise tem condições de deixar um valor que ocupe o lugar deixado pelo bem supremo pregado pela sociedade contemporânea. Esse bem seria a alteridade, cuja aceitação do outro em sua semelhança na diferença é condição fundamental para se pensar uma ética para a atualidade.

Na sexta categoria há essa discussão sobre a psicanálise e as questões sociais, ou seja, até que ponto ela discorre sobre as formas como a sociedade atua em seu meio e em relação ao outro. Nota-se, primeiramente, um discurso voltado para uma subjetividade individual, única, intrapsíquica. Além deste, este saber também surge como fundamental para trabalhar questões sociais. Enfim, os discursos, além de se mostrarem ambíguos, trazem uma visão de senso comum sobre aquilo que a psicanálise pode abarcar enquanto social.

A psicanálise aparece, com relação a isso, como uma grande força para reflexões acerca daquilo que acontecia numa sociedade onde o sexismo, o feminismo, as guerras, as novas noções políticas e o poder economicista aparecem de forma vigorosa. Um argumento, desenvolvido por Fuks (2007) acerca da função do analista e sua relação com o laço social, seria o de convocar a alteridade, direcionando o sujeito a apropriar-se de sua história no reconhecimento da existência

do outro. Posicionando-se, portanto, enquanto sujeito desejante, mas também assumindo uma postura ética frente ao desejo daquilo que lhe transcende, no caso, o outro que faz parte do social.

Em relação à segunda e à quarta categorias, pode-se notar um relação entre elas. Na categoria sobre os professores e a psicanálise, percebe-se que os professores não têm uma didática para transmitir o conhecimento, ou apresentam um parco conhecimento, ou seja, a representação dos acadêmicos é a de que os próprios professores estão no senso comum, e que não havendo uma forma clara de se passar esse conhecimento, o mesmo acaba não sendo transferido aos alunos. Já outro ponto de vista levantado é que os professores são tutores que orientam seu caminho em busca de determinada verdade. Nota-se novamente o mesmo discurso adotado em outras categorias, cujo professor é aquele detentor de certo conhecimento, o qual precisa ser vivenciado, e que passa para o aluno desprovido do mesmo. Isto reflete nas possibilidades de estudar psicanálise em Manaus, onde a representação dos acadêmicos é que a psicanálise é muito pouco desenvolvida nas faculdades de Psicologia, onde além de possuir poucos “psicanalistas” que ensinem a mesma, os que estão atuando não possuem o conhecimento necessário para transmiti-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao investigar as RS da psicanálise para discentes de duas faculdades de Psicologia da cidade de Manaus, pode-se encontrar contribuições inquestionáveis que a teoria das RS pôde dar para um entendimento das falas e das observações descritas pelo pesquisador. Fica claro, entretanto, que este estudo não esgota as reflexões acerca da psicanálise nos mais diversos espaços.

Fazendo um resgate histórico, percebeu-se que a psicanálise acabou por se tornar mais uma “vítima” do discurso científico, bastante difundido nas mais diversas realidades. A mesma limita seu saber ao psiquismo, tornando-se nada mais do que uma forma de se pensar a Psicologia. Não se expande para o exterior, para as relações tanto interpessoais quanto entre o sujeito e a sociedade na qual está inserido. O que é bem representado nos discursos dos acadêmicos.

Pode notar também a deterioração e a segregação que tanto professores quanto alunos fazem quando o assunto é psicanálise. Afinal de contas, a Psicologia faz parte do discurso científico, portanto a psicanálise deve enquadrar-se e seguir as regras desse discurso, pois é isso que os atores sociais que fazem parte desta cena esperam dela. Para tanto, os mecanismos discursivos acadêmicos criam estratégias para disseminar esta “ideologia”, e o instrumento utilizado é a própria sala de aula. Como os próprios acadêmicos não vêem com clareza este processo, embora estejam inseridos nele, a perda do conhecimento em relação ao saber psicanalítico é evidente.

Os resultados das entrevistas e da observação participante, com isso, mostram que a RS dos alunos sobre a psicanálise é de veras ambígua. Os alunos afirmam que a psicanálise é de fundamental importância para o saber psicológico, mas também demonstram que a psicanálise e seus conceitos ainda aparecem com idéias do senso comum, muitas vezes reforçadas pelos próprios professores. O desdobramento disso é a polifonia dos discursos acerca da psicanálise, justamente por estarem inseridos dentro de um contexto social, fazendo com que a RS da mesma para estudantes seja vislumbrada, mesmo que de forma bastante recortada.

Da metodologia trilhada na pesquisa, ficou a percepção da importância dos instrumentos técnicos utilizados (observação participante e entrevistas semi-estruturadas, além do grupo focal que não se realizou) enquanto produção de rico material para análise. Além disso, a forma de análise do material coletado (análise do discurso) possibilitou os possíveis motivos das ausências por parte dos alunos na aplicação dos instrumentos de pesquisa; portanto, até mesmo o “silêncio” por parte dos acadêmicos significou algo para o desenvolvimento da pesquisa.

O caminho percorrido pelo pesquisador no desenvolvimento da pesquisa não foi fácil. A relutância, por parte dos alunos em participarem da pesquisa, fato comprovado pelas constantes ausências tanto nos grupos focais quanto nas entrevistas, pareceu num primeiro momento algo desalentador, entretanto, mesmo com uma quantidade baixa de entrevistas, percebeu-se que se pode ir longe na análise de um número não muito alto de falas. Afinal de contas, foi possível aprofundar-se nessas falas, indo além das palavras, chegando às nuances do discurso, sendo ele uma voz ou um ato.

Para o futuro, talvez, fosse interessante refletir não a RS, pois esta reflete o senso comum, mas sim os significados da psicanálise para profissionais psicólogos e professores, não apenas da psicologia, como das diversas áreas do conhecimento. Ou também uma pesquisa, tal qual Moscovici ousou na França, uma RS da psicanálise na cidade de Manaus, ampliando cada vez mais as possibilidades de como este discurso está inserido dentro do saber não reificado.

Nota-se, portanto, que a importância da pesquisa das RS da psicanálise para alunos de duas faculdades da cidade Manaus está no fato do vislumbre daquilo que se pensa a respeito deste saber dentro destas instituições e até que ponto ele é valorizado e entendido. A escolha desta teoria não foi aleatória, os riscos implicados aí eram evidentes, afinal, até que pontos os discursos trazidos pelos alunos não seriam reificados? Com seria possível perceber as ancoragens dentro de suas falas? As respostas apareceram na própria pesquisa, na qual se pode confirmar o quanto era válido a utilização como base conceitual da teoria moscovicianiana.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, M. **Representação social: uma genealogia do conceito**. *Comum* 2004; 10: 122-38.
- BIRMAN, Joel. **Entre o Cuidar e Saber de Si: Sobre Foucault e a Psicanálise**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- FUKS, Betty B. **Freud e a Cultura**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- HERZLICH, C. A problemática da representação social e sua utilidade no campo da doença. **Physis – Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, supl., pp. 57-70, 2005.
- JODELET, Denise. **Loucura e Representações Sociais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2005.
- _____. La representación social: fenómenos, concepto y teoría. In: MOSCOVICI, S. (Ed.). **Psicología Social y Problemas Sociales**. Buenos Aires: Paidós, 1986, pp. 469–493.
- _____. **Representações Sociais: Um domínio em expansão**. In: Jodelet, Denise (org.). Rio de Janeiro: Eduerj, 2001, pp. 17-66.
- KHEL, Maria Rita. **Sobre Ética e Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- LECLAIRE, Serge. **O País do Outro: O Inconsciente**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.: 1992.
- LEFEVRE, Fernando. **Pesquisa de representação social: um enfoque quali-quantitativo: a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo**. Brasília: Líber Livro Editora, 2010.
- MEYER, Luiz. In.: **Investigações e Psicanálise**. Maria Emília Lino da Silva (Coord.). Campinas – SP: Papirus, 1993.
- MINAYO, Maria Cecília de S. **Pesquisa social**. 21 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.
- _____. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8º ed. – São Paulo: Hucitec, 2004.
- MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise**. RJ: Zahar Editores, 1978.

_____. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

NÓBREGA, O. **O que é representação social.** Paris: Ècole des Hautes em Scienses Sociales, 1990. /Mimeografado/

ORLANI, Eni P. **Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos.** 8. Ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

REY, González. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Caminhos e Desafios.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

SÁ, Celso Pereira. **Núcleo Central das Representações Sociais.** 2º ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1996.

SALLES, L.M.F. Representações Sociais e cotidiano. **Didática**, v. 26/27, p. 11-20, 1991.

SPINK, M.J.P. **As representações sociais e sua aplicação em pesquisa em área de saúde.** São Paulo, 1989. /Mimeografado/

APÊNDICES

CRONOGRAMA

DATAS DESCRIÇÃO	2010					2011						
	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
Revisão Bibliográfica	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R	R
Construção dos Instrumentos	R											
Definição das estratégias de pesquisa	R											
Reajuste dos Instrumentos		R										
Entrega de TCLE		R										
Coleta de Dados		R	R	R	R							
Entrega do Relatório Parcial							R					
Análise dos Dados						R	R	R	R	R		
Elaboração do Relatório final									R	R	R	
Elaboração do Resumo e Relatório Final (atividade obrigatória)											R	
Preparação da apresentação final para o congresso (atividade obrigatória)												R

Legenda

P: Previsto

R: Realizado

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Aluno(a)

Vimos através deste, convidá-lo(la) a participar da pesquisa realizada, intitulada **A representação social da psicanálise para alunos de duas faculdades de psicologia na cidade de Manaus**. A mesma tem por objetivo investigar as representações sociais da psicanálise para estudantes de psicologia de duas faculdades da cidade de Manaus.

A participação é voluntária. O grupo-focal será audiogravado e terá em média 1h30m de duração. Caso você aceite participar, solicitamos que nos autorize a usar as informações que forem gravadas. Só os pesquisadores envolvidos neste projeto terão acesso a estas informações. Quando for publicado, dados como nome, profissão, local de moradia e afins não serão divulgados.

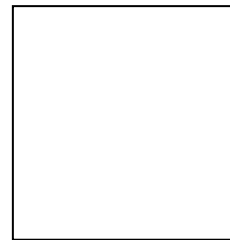
As perguntas que vamos fazer não pretendem trazer nenhum desconforto ou risco, já que é sobre sua experiência, sobre a forma como você compreende a psicanálise. Informamos que a qualquer momento você poderá desistir da participação da mesma, sem que isto lhe cause quaisquer danos moral ou material. Pode, também, fazer qualquer pergunta sobre a pesquisa aos nossos pesquisadores.

Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e aceitar participar do estudo, solicitamos a assinatura do mesmo em duas vias, ficando uma em seu poder. Qualquer informação adicional ou esclarecimentos acerca deste estudo poderá ser obtido junto ao pesquisador Paulo Victor Telles de Almeida no endereço Avenida Senador Raimundo Parente – 70, bloco 19 apartamento 203 – Bairro: Alvorada, pelo telefone 8188-1384 ou pelo email pvtelles@yahoo.com.br e seu orientador Sérgio Sócrates Baçal de Oliveira no endereço Avenida Gen. Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 3000 (UFAM) ou pelo telefone 8413-4343 ou ainda pelo email sergiosocrates@hotmail.com.

Eu, Sr(a), aluno(a) da Faculdade Martha Falcão, fui informado(a) sobre a pesquisa “**A representação social da psicanálise para alunos de duas faculdades de psicologia na cidade de Manaus**” realizada pelo aluno do Curso de Psicologia da UFAM Paulo Victor Telles de Almeida, orientado pelo Prof. Msc. Sérgio Sócrates Baçal de Oliveira, e concordo em participar da mesma e que as questões discutidas na(s) entrevista(s) sejam usadas nesta pesquisa.

Manaus,/...../.....

Assinatura do participante



Impressão dactiloscópica, no caso de não saber escrever

Assinatura do pesquisador

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Aluno(a)

Vimos através deste, convidá-lo(la) a participar da pesquisa intitulada: **A representação social da psicanálise para alunos de duas faculdades de psicologia na cidade de Manaus**. A mesma tem por objetivo investigar as representações sociais da psicanálise para estudantes de psicologia de duas faculdades da cidade de Manaus.

A participação é voluntária. A entrevista será audiogravado e terá em média 30 minutos de duração. Caso você aceite participar, solicitamos que nos autorize a usar as informações que forem gravadas. Só os pesquisadores envolvidos neste projeto terão acesso a estas informações. Quando for publicado, dados como nome, profissão, local de moradia e afins não serão divulgados.

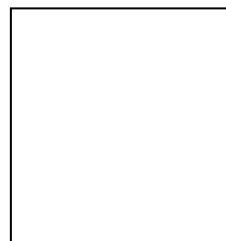
As perguntas que vamos fazer não pretendem trazer nenhum desconforto ou risco, já que é sobre sua experiência, sobre a forma como você compreende a psicanálise. Informamos que a qualquer momento você poderá desistir da participação da mesma, sem que isto lhe cause quaisquer danos moral ou material. Pode, também, fazer qualquer pergunta sobre a pesquisa aos nossos pesquisadores.

Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e aceitar participar do estudo, solicitamos a assinatura do mesmo em duas vias, ficando uma em seu poder. Qualquer informação adicional ou esclarecimentos acerca deste estudo poderá ser obtido junto ao pesquisador Paulo Victor Telles de Almeida no endereço Avenida Senador Raimundo Parente – 70, bloco 19 apartamento 203 – Bairro: Alvorada, pelo telefone 8188-1384 ou pelo email pvtelles@yahoo.com.br e seu orientador Sérgio Sócrates Baçal de Oliveira no endereço Avenida Gen. Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 3000 (UFAM) ou pelo telefone 8413-4343 ou ainda pelo email sergiosocrates@hotmail.com.

Eu, Sr(a), aluno(a) da Universidade Federal do Amazonas, fui informado(a) sobre a pesquisa “**A representação social da psicanálise para alunos de duas faculdades de psicologia na cidade de Manaus**” realizada pelo aluno do Curso de Psicologia da UFAM Paulo Victor Telles de Almeida, orientado pelo Prof. Msc. Sérgio Sócrates Baçal de Oliveira, e concordo em participar da mesma e que as questões discutidas na(s) entrevista(s) sejam usadas nesta pesquisa.

Manaus,/...../.....

Assinatura do participante



Impressão dactiloscópica, no caso de não saber escrever

Assinatura do pesquisador

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM DOSCENTES

OBJETIVO

Realizar uma entrevista semi-estruturada acerca dos significados construídos pelos docentes dos cursos de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e da Faculdade Martha Fação (FMF) acerca da psicanálise.

INTRODUÇÃO

No momento da entrevista com o docente escolhido, o pesquisador apresentará de maneira breve o trabalho a ser realizado, esclarecendo sobre os objetivos da pesquisa e seguirá o roteiro guia abaixo.

ROTEIRO-GUIA

- O que significa psicanálise para você?
- Desenvolva um conceito psicanalítico.
- Cite um psicanalista além de Freud.
- Em sua opinião, qual a visão que os professores tem acerca da psicanálise?
- Você acredita que os professores e alunos de psicologia acham a psicanálise na faculdade importante? Por quê?
- Onde você acha que a psicanálise é aplicada nos diversos setores de atuação do profissional psicólogo?
- De que forma você acredita que a psicanálise pode ser aplicada na atuação de um psicólogo?
- Quais seriam para você as características de um psicanalista? Por quê?
- Quais as principais expectativas em relação ao estudo da Psicanálise na faculdade?
- É possível pensar as questões sociais através da Psicanálise ou ela se limita à clínica? Por quê?
- Como você avalia o desenvolvimento da psicanálise em Manaus?
- Como você vê a influência da psicanálise na Psicologia?

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

IDENTIFICAÇÃO

Nome do observador: _____

Data: ____/____/____ Início: ____h ____m Término: ____h ____m

Local: _____

1. DESCRIÇÃO DO CONTEXTO DA OBSERVAÇÃO

2. ITENS A SEREM OBSERVADOS EM RELAÇÃO À FACULDADE

- Discurso institucional das Faculdades sobre a Psicanálise

3. ITENS A SEREM OBSERVADOS NO AMBIENTE DA FACULDADE

- Relacionamento entre os alunos
- Conversas informais entre alunos
- Conversas informais entre professores
- Conversas informais entre professores e alunos
- Relação de interação com o observador
- Avaliação global da observação

4. ITENS A SEREM OBSERVADOS NAS REUNIÕES DE PROFESSORES

- Opiniões em relação à temática da Psicanálise
- Comportamentos e relacionamento entre professores
- Interação dos professores e alunos com o pesquisador
- Avaliação global da observação

5. CONCLUSÕES DA OBSERVAÇÃO